



## **GEOGRAFIA ESCOLAR E O COMBATE AO PRECONCEITO E À DISCRIMINAÇÃO**

percepção dos alunos do ensino médio de uma escola pública da cidade de Maceió

José Aléxio Gomes dos Santos  
alexio.gomes123@gmail.com

Luís Felipe da Silva Costa  
costalf18@gmail.com

Denis Rocha Calazans  
denisrc1@yahoo.com.br

### **RESUMO**

A forma como os alunos enxergam a Geografia Escolar vem mudando nas últimas décadas. A visão de uma disciplina mnemônica e apolítica vem cedendo espaço para uma visão em que a Geografia se apresenta como uma ciência ativa, que analisa o espaço geográfico e que consegue agir sobre ele, decifrando-o e transformando-o. Mas essa visão, além de estar mudando lentamente, ainda está voltada para questões econômicas, políticas e sociais, e nesse último caso, a sociedade vista do ponto de vista populacional censitário, focado em aspectos como reprodução, pirâmides etárias e distribuição territorial da população. Questões atuais como preconceito, discriminação e gênero são novidades, inclusive para alguns professores. Nesse sentido, foi proposto por um grupo do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência Geografia (PIBID Geografia) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) investigar a percepção dos alunos do Ensino Médio Integrado de uma escola pública da cidade de Maceió, estado de Alagoas, sobre o papel da Geografia no combate ao preconceito e à discriminação, ao tempo em que se investigou, também, como esses alunos se expressam em relação a essa temática. O trabalho visou, entre outros aspectos, iniciar os pibidianos no campo da pesquisa, objetivando com a formação do professor-pesquisador. O trabalho foi realizado em quatro turmas, sendo dois primeiros anos e dois segundos anos. A aquisição de dados foi feita através de questionário, utilizando questões abertas e fechadas. Os resultados mostraram que os alunos não se acham preconceituosos, apesar de demonstrarem muitas atitudes discriminatórias ao longo das respostas às perguntas do questionário. Os alunos também se mostraram divididos em relação ao papel da Geografia no combate ao preconceito e à discriminação, sendo os primeiros anos mais enfáticos em apontar outras disciplinas como Sociologia, Filosofia e História, como mais indicadas para trabalhar com essas temáticas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Preconceito. Discriminação. Gênero. Geografia Escolar.

### **1 INTRODUÇÃO**

O processo de formação de professores abrange um grande espectro de atividades e de desenvolvimento de habilidades. Dentre estas está o trabalho com

temas delicados como preconceito e discriminação, temas que, muitas vezes, são evitados pelos professores. Outro aspecto importante da formação de novos professores é a inserção destes no mundo da pesquisa, contribuindo com a formação do professor-pesquisador.

Nesse sentido, a pesquisa aqui apresentada traz duas situações secundárias, dentro do processo de desenvolvimento do trabalho, que devem ser destacadas. A primeira é o motivo inicial que deu início à pesquisa, nesse caso um conjunto de cartazes expostos em um mural da escola onde estavam os alunos do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência Geografia (PIBID Geografia) (Figura 1). Nesses cartazes, várias palavras de ordem ou frases de efeito concitavam os leitores a refletirem sobre o preconceito, a discriminação, as questões de gênero e o papel do professor. Esses cartazes chamaram a atenção dos pibidianos, que questionaram o porquê daquilo. A resposta imediata foi que existiam preconceito e discriminação na escola e que, além de ser papel do professor de Geografia trabalhar esses temas, alguns professores eram autores de ações preconceituosas em sala de aula. A segunda situação parte da estranheza dos pibidianos diante da afirmação de que é papel do professor de Geografia trabalhar com temas como preconceito, discriminação e questões de gênero. Essa estranheza levou o professor supervisor a fazer o seguinte questionamento: se vocês, que são estudantes de Geografia e futuros professores, não percebem a Geografia como responsável para tratar desses temas, o que será que os alunos da escola pensam?

Figura 1 – Mural com cartazes contra o preconceito e a discriminação



Fonte: acervo dos autores

A partir desses acontecimentos, foi proposta uma investigação sobre a percepção dos alunos da escola onde se desenvolve o PIBID Geografia, acerca do papel dessa disciplina escolar no combate ao preconceito e à discriminação e como os alunos da escola se posicionam em relação a esses temas.

## **2 O PIBID E A FORMAÇÃO DO PROFESSOR PESQUISADOR**

O professor na atualidade não pode mais ser um mero operário do conhecimento, um trabalhador que reproduz o conhecimento de maneira uniforme; é necessário que o professor possa elaborar “diagnósticos e atuar no sentido da concretização de prognósticos diversos e bem-sucedidos” (PANIAGO; SARMENTO, 2017, p. 772). Assim, a formação do professor deve instrumentalizá-lo para que possa desenvolver pesquisas em sua área de atuação e que possa transformar as informações adquiridas em conhecimentos capazes de subsidiar seu fazer pedagógico. Nesse sentido, o professor se torna agente da sua formação continuada e um produtor de conhecimento, não apenas um reproduzidor de saberes desprovidos de vínculo com a realidade escolar (ALMEIDA; CALAZANS, 2016).

Nesse contexto, Tardif (2013, p. 254) afirma que, se tivermos professores competentes e ativos,

[...] deveremos admitir que a prática deles não é somente um espaço de aplicação de saberes provenientes da teoria, mas também um espaço de produção de saberes específicos, oriundos dessa mesma prática [...]. Essa perspectiva equivale a fazer do professor – tal como o professor universitário ou o pesquisador da educação – um sujeito de conhecimento, um ator que desenvolve e possui sempre teorias, conhecimentos e saberes de sua própria ação.

Concordando com o autor, devemos pensar no que é necessário para formar um professor pesquisador. Assim, para atingirmos esse fim, é preciso que o professor seja preparado para exercitar a pesquisa em sua vida profissional, sendo formado de maneira que o ato de pesquisar seja uma ação natural em sua práxis, associando teoria e prática, como propõe o Artigo 12 § 2º da Resolução brasileira do CNE/CP 1 (BRASIL, 2002, p. 2) ao afirmar sobre a formação docente que “a prática deverá estar presente desde o início do curso e permear toda a formação do professor”. Dessa maneira, a legislação reforça que a formação inicial de

professores deve ser acompanhada de uma formação para a pesquisa, pois, mesmo fora das universidades, portanto na Educação Básica, é papel do professor desenvolver em si e em seus alunos uma postura investigativa, deixando claro que a pesquisa constitui um instrumento de ensino e um conteúdo de aprendizagem na formação profissional e não uma exclusividade de um grupo de investigadores.

Assim, as atividades formativas iniciais, e nesse caso as ações do PIBID, devem ser norteadas também por uma busca constante da introdução da pesquisa e da geração de conhecimento na vida dos futuros professores. É nesse contexto que o PIBID Geografia abraçou a proposta de desenvolver com seus membros uma investigação sobre o que pensam os alunos do primeiro e segundo ano de dois cursos médio integrado de uma escola pública da cidade de Maceió, estado de Alagoas, visando estimular o gosto pela pesquisa e criar uma identidade maior entre os pibidianos e a escola onde o PIBID se desenvolve.

### **3 O PAPEL DA GEOGRAFIA NO COMBATE AO PRECONCEITO**

Formar professores para trabalhar com a diversidade é um desafio para os cursos de licenciatura, pois parte do princípio de que é necessário dar condições para que o aluno e futuro professor possa reavaliar seus pressupostos morais e desenvolver a capacidade de criar empatia com o outro. Nesse sentido, formar um professor capaz de respeitar e de trabalhar com o diferente e com as diferenças, independente de seus valores pessoais, já que nesse caso o outro passa a ser alguém que merece respeito e as ideias ou ações que fogem da sua zona de conforto passam a ser objetos de estudo e portanto alvo de uma análise científica, fugindo dos estereótipos, é o grande desafio das licenciaturas na atualidade.

Nesse sentido, é necessário clarificar aos futuros professores que

[...] a escola e os professores possuem papel fundamental na promoção de uma educação que repudia a violência e respeita a diversidade. Está entre as responsabilidades do professor, além de ensinar os conhecimentos acadêmicos, o desenvolvimento de valores para constituição de uma sociedade mais humana. Para tanto, se faz necessário que haja uma formação docente voltada para o abandono dos preconceitos e estereótipos. (BOMFIM; OLIVEIRA; CALAZANS, 2015, p. 189)

Essa formação inicial deve ser feita ao longo de todo o curso, de forma transversal e em todos os processos formativos. Nesse sentido, o PIBID Geografia, ao desenvolver uma atividade de pesquisa voltada para conhecer a percepção dos alunos da escola-campo sobre o papel da Geografia no combate ao preconceito e à discriminação e como esses alunos se veem diante desses temas, contribui com a reflexão dos pibidianos acerca dos temas e permite que estes confrontem seus próprios preconceitos.

### 3.1 PRECONCEITO, DISCRIMINAÇÃO E SALA DE AULA

O preconceito é um prejulgamento que o ser humano faz em relação a algo, que pode ser um objeto, uma pessoa, um símbolo etc. O que caracteriza o preconceito é o fato de não se ter um conhecimento pleno do alvo dessa concepção ou ação, ou seja, cria-se uma ideia sem saber se de fato ela é real. Esse processo pode ser natural, instintivo ou produzido socialmente. “Sua centralidade está tanto nos traços anatômico-psicológicos clássicos quanto na esfera sociocultural e na imaginação simbólica” (BANDEIRA; BATISTA, 2002, p. 133).

Ademais, o preconceituoso não tem a preocupação ou curiosidade de conhecer em momento nenhum o caráter da vítima, a religião, a cultura, os hábitos linguísticos antes de qualquer crítica ou julgamento, banalizando as ações discriminatórias. Nesse sentido,

bater em mulheres, negros e homossexuais, por exemplo, era uma prática considerada senão corriqueira, mas despercebida como uma forma de violência na sociedade. Os alvos da violência escondiam-se no próprio sofrimento sem poder nomeá-lo, denunciá-lo ou compreendê-lo. (BANDEIRA; BATISTA, 2002, p. 119-120)

Na atualidade, a discriminação é uma grave preocupação, levando os professores das ciências humanas a trabalharem a temática no ambiente escolar, tendo em vista que a discriminação está extremamente exposta nas escolas, por meio do uso de frases, gestos e atos de agressão.

Pode-se mesmo afirmar que o preconceito faz parte do nosso comportamento cotidiano. Frequentemente nos defrontamos com atitudes preconceituosas, seja em atos ou gestos, discursos e palavras. A sala de aula não escapa disso. [...] para poder trabalhar com essas questões é preciso compreendê-las, saber como se manifestam e em que bases são

expressas, notadamente se levarmos em conta que elas não podem ser analisadas fora de seus contextos. (ITANI, p. 119)

Por isso, a desmistificação de conteúdos considerados tabu e frases preconceituosas precisa estar presente nas aulas de Geografia, para mostrar aos alunos as causas e consequências das ações discriminatórias. Para isso, o professor de Geografia precisa compreender não apenas o seu papel como educador, mas também os aspectos técnico-científicos das temáticas abordadas. É necessário compreender, entre outras coisas, que um aluno preconceituoso, que pratica a discriminação na escola, não é um inimigo, e sim alguém que precisa de orientação, apoio e, principalmente, da aquisição de novos valores morais.

Nesse sentido, é papel fundamental do professor de Geografia se qualificar para trabalhar esses temas na escola, pois, de uma forma ou de outra, eles se farão presentes em sala de aula. Portanto, cabe ao professor ser um orientador no combate às ações discriminatórias, tornando-se uma referência para os discentes.

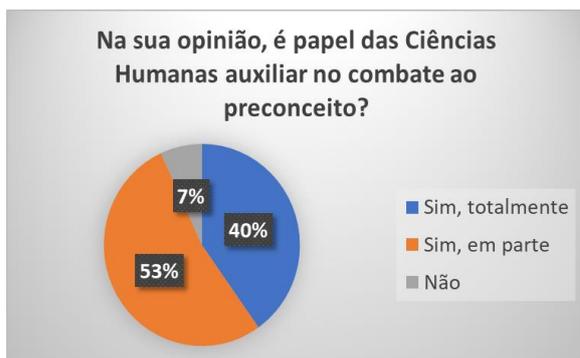
#### **4 PERCEPÇÃO DOS ALUNOS SOBRE O PAPEL DA GEOGRAFIA NO COMBATE AO PRECONCEITO E À DISCRIMINAÇÃO**

A investigação foi realizada em quatro turmas do ensino médio integrado, sendo um primeiro e um segundo ano do curso de Química e um primeiro e um segundo ano do curso de Estradas, totalizando 102 alunos entrevistados. A aquisição de dados foi realizada através de um questionário, contendo perguntas objetivas e subjetivas. Para que os alunos tivessem total liberdade de resposta, nenhum dos entrevistados foi identificado no questionário.

A primeira pergunta foi se é papel das ciências sociais auxiliar no combate ao preconceito e à discriminação (Figura 1). A segunda foi qual a contribuição da Geografia nesse tema (Figura 2).

Figura 1

Figura 2

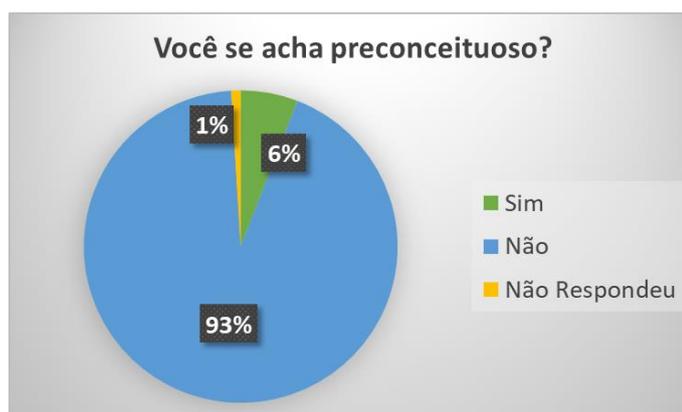


Fonte: os autores (2018)

As respostas à primeira pergunta evidenciam que os alunos não têm uma visão muito clara do papel das ciências sociais em relação ao trabalho com essas temáticas, pois 53% responderam em parte e 7% não. Esse desconhecimento pode ser atribuído à forma como esses temas são abordados pelos professores, pois, se as temáticas são pouco trabalhadas ou trabalhadas de forma superficial, fica difícil que os alunos as vinculem à determinada disciplina. Já as respostas à segunda pergunta trazem uma preocupação, pois apenas 38% dos alunos responderam; os demais não responderam ou não souberam. Esses resultados mostram que os caminhos metodológicos tomados pela Geografia nessas turmas não são capazes de significar os conteúdos a ponto de os alunos identificarem as ações ligadas ao trabalho com preconceito e discriminação.

A terceira pergunta foi se os alunos se achavam preconceituosos. Nesse caso, 93% responderam que não, 6% responderam que sim e apenas 1% não respondeu ao questionamento (Figura 3). Essas respostas demonstram uma percepção estereotipada do preconceito, evidenciando a necessidade de se trabalhar essa temática em sala de aula.

Figura 3



Fonte: os autores (2018)

Apesar de os alunos não se verem como preconceituosos, ao serem confrontados com perguntas relativas a situações do cotidiano, eles se revelaram preconceituosos. A quarta questão pergunta se o aluno acha alguma das situações expostas errada (Figura 4), podendo marcar mais de uma. Nesse questionamento foi dada a opção, caso o aluno achasse conveniente, de fazer um comentário sobre alguma das situações mostradas, mas nenhum se manifestou.

Figura 4

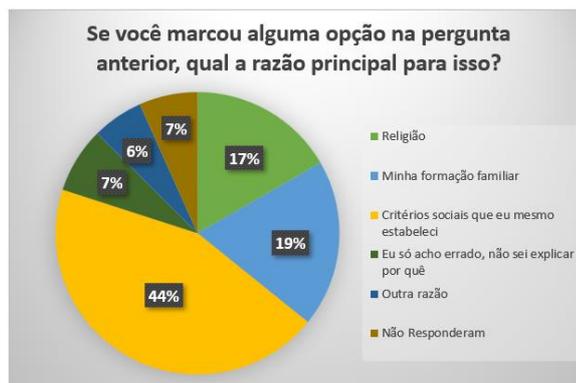


Fonte: os autores (2018)

Esses resultados trouxeram algumas surpresas, pois nenhum se mostrou contrário ao aborto, no entanto as relações afetivas e a monogamia no relacionamento foram os itens mais mencionados, superando o preconceito em relação à homossexualidade. Além disso, as situações em que a mulher inverte ou subverte o seu papel na sociedade como: mulher sustentar a casa, enquanto o homem cuida da casa; mulher optar em apenas trabalhar e não constituir família, tiveram apenas uma menção cada. Já mulheres negras usarem seu cabelo ao natural, sem alisar, não houve menção por nenhum aluno, o que demonstra que a forma como a mulher é vista em sociedade e, portanto, algumas questões de gênero, nesse grupo de alunos, estão mudando para melhor.

Por fim, foi perguntado sobre a razão de terem marcado como errado alguma das afirmações da questão quatro (Figura 5).

Figura 5



Fonte: os autores (2018)

As respostas dos alunos mostram uma forte ligação com fatores familiares e religiosos, mas o que mais se destacou foi a busca da autoafirmação, pois 44% afirmaram que as suas respostas se basearam em critérios sociais que eles mesmos estabeleceram.

O resultado da pesquisa forneceu um conjunto de informações importantes para direcionar a maneira como a disciplina Geografia é trabalhada na escola, além de proporcionar um maior e melhor entendimento do professor sobre a forma como os alunos pensam a temática preconceito, discriminação e o papel da Geografia no trabalho com esses temas em sala de aula.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os alunos investigados mostraram uma percepção acanhada sobre o papel da Geografia no combate ao preconceito e à discriminação. Os dados mostram que os alunos do primeiro ano do ensino médio integrado colocaram a Geografia em último lugar nesse quesito. Já os do segundo ano acham que a Geografia é mais importante que a História nesse quesito. Esses dados nos alertam para o fato de que as ciências humanas, e nesse caso a Geografia, devem assumir um papel mais ativo no trabalho com essas temáticas e que os professores devem inserir com mais constância esses temas em suas aulas.

O trabalho mostrou que os alunos investigados apresentam uma percepção pouco desenvolvida sobre as questões de preconceito e discriminação, pois a maioria afirma não ser preconceituoso, no entanto demonstram seu preconceito ligado às relações afetivas, sexuais e comportamentais.

A pesquisa também contribui para inserir os pibidianos na prática da pesquisa, pois esses tiveram que desenvolver uma metodologia de pesquisa, elaborar o questionário de investigação, tabular e analisar os dados, além de escrever o texto científico. Dessa forma, o trabalho contribuiu com o processo de formação do professor-pesquisador dentro das atividades do PIBID.

Investigações desse tipo são relevantes, pois podem subsidiar o repensar da prática pedagógica do professor de Geografia, fornecendo caminhos para ressignificar a sua ação e a importância dessa disciplina escolar, auxiliando na busca de novas formas de trabalhar temas delicados como o preconceito e a discriminação.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Jacqueline Praxedes de; CALAZANS, Denis Rocha. Contribuições da pesquisa no estágio supervisionado na formação do professor de geografia. *Revista Brasileira de Educação em Geografia*, Campinas, v. 6, n. 11, p.361-380, jan./jun., 2016.
- BANDEIRA, Lourdes; BATISTA, Analía Soria. Preconceito e discriminação como expressões de violência. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 10, n. 1, 2002.
- BOMFIM, Jaqueline da Silva; OLIVEIRA, Jeremias Ferreira de; CALAZANS, Denis Rocha. O preconceito de gênero no ambiente escolar e a disciplina de geografia como promotora de uma educação cidadã. In: CHALETA, Maria Elisa (Org.). *Actas da III International Conference Learning and Teaching in Higher Education & I Congresso Internacional Ibero-Afro-Americano de Psicologia - VOLUME I – ENSINO SUPERIOR*. Évora: CIEP – Universidade de Évora, 2015. p. 186-200.
- BRASIL. Resolução CNE/CP nº 01 de 18 de fevereiro de 2002. Institui as diretrizes curriculares nacionais para a formação de professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. Diário Oficial [da República Federativa do Brasil], Brasília, DF, 19 fev. 2002. P. 1-5.
- ITANI, Alice. Vivendo o preconceito em sala de aula. In: AQUINO, Julio Groppa (Org.). *Diferenças e preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1998. p. 119-134.
- PANIAGO, Rosenilde Nogueira; SARMENTO, Teresa. A formação na e para a pesquisa no PIBID: possibilidades e fragilidades. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 42, n. 2, p. 771-792, abr./jun. 2017.
- TARDIF, Maurice. *Saberes Docentes e Formação Profissional*. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.